

Estratégias Discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus na Inglaterra

Karla Regina M. P. P. Bronsztein – Universidade Federal de Pernambuco

Abstract

In this article, we reflect upon the discourse strategies that the Universal Church of the Kingdom of God employs in England, with a focus on the analysis of speeches made in its temple in London (Finsbury Park), on the Internet and in the official printed media. We examined the mechanisms of the church's discourse, guided by previous Brazilian research from which we took conceptual elements for a comparative approach. To this end, we worked with the concept of Discursive Memory, informed by the French discourse analysis tradition.

Keywords

Igreja Universal do Reino de Deus, Discourse Strategies, England, Brazil, Discourse Analysis.

Résumé

Cet article a le but d'entamer une réflexion sur les stratégies discursives de l'Église universelle du royaume de Dieu en Angleterre, ayant comme *corpus* les discours proferés dans son temple à Londres (Finsbury Park), sur Internet et publiés sur papier. Nous avons analysé les mécanismes discursifs de l'église, guidés par des études précédentes réalisées au Brésil, qui nous ont fourni des éléments conceptuels concernant l'approche comparative. Comme résultat, nous avons travaillé avec le concept de 'mémoire discursive' à partir de postulats de l'analyse discursive d'orientation française.

Mots-clés

Église universelle du royaume de Dieu, stratégies discursives, Angleterre, Brésil, analyse discursive.

Resumo

Este trabalho promove uma reflexão sobre as estratégias discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD na Inglaterra, tendo como *corpus* os discursos proferidos no principal templo da Universal em Londres (Finsbury Park), na web e nas publicações impressas da IURD na Inglaterra. A proposta foi a de se analisar o funcionamento discursivo da Universal, com alicerces em pesquisas anteriores que realizamos no Brasil e que forneceram elementos para uma abordagem comparativa. Para isso, neste recorte, trabalhamos com o conceito de Memória Discursiva a partir dos postulados da Análise do Discurso – AD, de linha francesa.

Palavras-chave

Igreja Universal do Reino de Deus, Estratégias discursivas, Inglaterra, Brasil, Análise do Discurso.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O crescimento da religiosidade brasileira no exterior, em si, não nos causa tanta surpresa, já que o Brasil tem a segunda maior comunidade de protestantes praticantes do mundo e a maior comunidade de pentecostais [1], e estes têm como premissa básica a proclamação do Evangelho e a conversão de novas almas. Contudo, o que merece ser estudado, como fenômeno do crescimento, é a velocidade de expansão de uma igreja específica: a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD.

Inicialmente porque a Universal se configura como um peculiar paradigma para qualquer empreendimento religioso, devido ao seu crescimento vertiginoso, transformando-a na segunda maior denominação evangélica no Brasil, tendo surgido em 1977 e já ultrapassando a marca dos 5 milhões de fiéis [2]. Segundo porque, apesar de a IURD afirmar que enfrentou dificuldades para “estabelecer o Reino de Deus no país da rainha Elisabeth”, por conta do clima frio, da diferença do idioma e da demora para as autoridades inglesas liberarem as propriedades para funcionamento dos templos, a IURD na Inglaterra tem experimentado um palpável crescimento nestes 18 anos de presença no Reino Unido. Muito embora, como bem ressalta Freston (1999), “A visão missionária não a diferencia de outras Igrejas, mas a capacidade de concretizar a visão tem muito a ver com uma conjunção única de elementos”. Acreditamos que os elementos mais relevantes estão, justamente, na esfera discursiva – o que faz com que a centralidade do discurso traga concretude e sucesso aos projetos expansionistas da Universal.

Portanto, tentando compreender um pouco desse expansionismo religioso a partir das práticas discursivas da igreja, este artigo propõe uma reflexão sobre o modo de funcionamento discursivo da Igreja Universal do Reino de Deus em um dos seus projetos expansionistas internacionais, se debruçando sobre os discursos que circulam, na Inglaterra. A ideia básica é tentar compreender como o funcionamento do discurso da Universal naquele país se aproxima e se distancia do posicionamento discursivo da Igreja no Brasil (Patriota, 2005; 2006, 2007a; 2007b; 2008), ao mesmo tempo em que pretendemos compreender como o discurso “iurdiano” têm sido um dos fatores relevantes para o sucesso de seu empreendimento religioso transnacional.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para discorrermos sobre as estratégias discursivas da Igreja Universal na Inglaterra, comparando-as com as suas estratégias discursivas em terras brasileiras, optamos por usar a Análise do Discurso – AD, de linha francesa. Com essa escolha metodológica, alicerçamos a nossa reflexão partindo do princípio de que, quando trilhamos o caminho da AD, verificamos que o dizer está sempre atravessado pela ideologia, por relações de poder, conflitos, adesões ou rejeições, formulação de identidades etc. Surge então o elemento não transparente, a visão da opacidade dos vários sentidos. É justamente nesse ponto que o discurso religioso

apresenta novas facetas, especificamente quando ele é “exportado” para culturas e países diferentes, aflorando uma peculiar novidade, que é a própria interdiscursividade de domínios.

Nossa proposta de reflexão, fruto da investigação realizada principalmente no mais importante templo da Igreja Universal em Londres (Finsbury Park), foi justamente analisar a materialidade da linguagem, a partir do que estava tematizado no discurso da instituição por meio das falas/pregações dos pastores e bispos no citado templo, na web e nas publicações da IURD na Inglaterra. O corpus da pesquisa foi resultado de diversas visitas que fizemos ao templo de Finsbury Park, coletas de material impresso e acessos ao site da IURD no Reino Unido. Como seria impossível, no tempo hábil de realização da pesquisa, analisar as diversas reuniões que ocorriam no templo em Londres, selecionamos como corpus restrito os discursos proferidos nas reuniões em língua portuguesa [3] e refletimos sobre os temas mais recorrentes e a filosofia/teologia mais evidentes da IURD, presentes na maioria dos discursos/sermões escutados (tanto na Inglaterra, quanto no Brasil).

Como os discursos não foram analisados um a um, mas agrupados por recortes metodológicos distintos, para este artigo optamos em trabalhar apenas com o conceito de Memória Discursiva – MD, pois entendemos que para a AD tal conceito possibilita ancorar a reflexão sobre processos históricos, resultados de lutas por interpretações para os acontecimentos ocorridos e que se manifestam, plenamente, na esfera discursiva. Em paralelo, tendo em vista a complexidade discursiva da IURD (na Inglaterra e no Brasil), nos deteremos na análise pontual dos temas mais comumente abordados na IURD no seu principal templo em Londres, entre 2012 e 2013, sob os quais realizamos uma análise introdutória e de caráter qualitativo, ao mesmo tempo em que aproximamos as temáticas em destaque dos discursos proferidos pela Universal no Brasil.

MEMÓRIA DISCURSIVA, ESTRATÉGIAS E TOPOI RECORRENTES

De forma genérica, entendemos que o conceito de Memória Discursiva se define como uma espécie de “interdiscurso”, ou seja, trata-se de um saber discursivo que possibilita que as nossas palavras façam sentido. Isto ocorre porque algo fala antes, em outro lugar, de forma independente do discurso que é proferido na atualidade. O saber ao qual nos referimos corresponde a palavras já ditas e esquecidas, mas que continuam presentes e nos afetam em sua qualidade de “esquecimento”.

O mecanismo que regula a argumentação presente nos discursos, quando procedemos à análise a partir dos postulados da MD, nos remete à compreensão de que os sentidos são escolhidos e presumidos por antecipação de interpretação, são produzidos por relações parafrásticas e disponibilizados para discursos futuros. Portanto, encontramos um sujeito capaz de deslocar-se, tornar-se observador, ao mesmo tempo em que diz, (de uma forma ou de outra) conforme intenciona na produção de efeitos no interlocutor. Já que um discurso é sustentado por outros e aponta para o futuro, os sentidos são produzidos por meio de posições. Nesse contexto, a memória discursiva é presumida a partir de um momento sócio histórico, fazendo que o sujeito “migre” de uma situação empírica para uma posição discursiva.

Na relação discursiva é que as imagens constituem as diferentes posições e assim fazem, de fato, algum sentido. Vale ressaltar que tal sentido não está nas palavras, mas antes delas e depois delas, simplesmente porque palavras remetem a palavras. Além disso, os sentidos não estão irrevogavelmente dependentes das intenções, mas permeados e atravessados pelas suas próprias relações com uma formação discursiva (FD) peculiar e com uma memória. Portanto não existe sentido em si: ele nasce de colocações de caráter ideológico fazendo com que as palavras mudem de sentido de acordo com as posições em que são enunciadas e apreendidas a partir do exterior do discurso.

Com essa compreensão, trabalhamos a nossa reflexão e análise do funcionamento discursivo da IURD ancorados no conceito de memória discursiva, nos permitindo apreender a linguagem e os processos discursivos como determinantes pela emergência de uma memória coletiva, característica de um dado processo histórico (Courtine & Haroche, 1994), além da demarcação de um sujeito produzido a partir do interdiscurso e que, ao se apropriar da memória, é manifesto de diversas formas e em diferentes discursos (Orlandi, 1993). Como o funcionamento discursivo das mensagens religiosas, inevitavelmente, se entrelaça com o conceito de memória discursiva, quando o utilizamos para a análise do nosso corpus, temos o entendimento de que ele diz respeito à recorrência de enunciados dentro do discurso. Dessa forma, a MD pauta-se na possibilidade dos dizeres que se renovam e se atualizam no momento de sua enunciação e que, no nosso caso, vão bem além da vinculação ao texto fundante, a Bíblia. Assim, presentes em cada discurso, há alguns elementos que não podem surgir na superfície discursiva, tão somente porque, se eles aparecerem, representarão um perigo real e um considerável desequilíbrio para o discurso em questão.

Nas estratégias discursivas analisadas, vemos que os seus locutores não abrem espaço para “cogitar” a questão do sofrimento humano como parte do processo que o discurso religioso sempre se preocupou em trabalhar. Na atualidade, tal sofrimento continua incomodando e fazendo o homem retornar constantemente à busca religiosa. Entretanto, hoje, esta busca não se dá mais nos moldes do passado, como apresenta Geertz (1978, p. 119). Segundo o autor, a religião mostrava ao homem como sofrer, de forma “tolerável” e “suportável”. Ou seja, a religião em geral, outrora se preocupava prioritariamente em prover, através das suas argumentações, a resignação ante o sofrimento, como a “ponte” para o desfrutar de uma vida sem estes mesmos sofrimentos em um futuro vindouro (na vida eterna). Contudo, pelos argumentos expostos no discurso “iurdiano”, tanto no Brasil quanto na Inglaterra, é muito fácil concluir que praticamente todos os que se aproximam da IURD chegam “sofrendo” e querem parar de sofrer e experimentar uma vida melhor. Não obstante, a formulação religiosa mais característica é que esta “vida melhor” não está mais atrelada à “vida eterna” como antes era propagado, ou num futuro que está por vir, mas no *aqui e agora*.

De maneira mais ampla, poderíamos considerar a instauração de uma "retórica do querer" (Mesquita, 2007), do desejar de uma boa vida entre os fiéis na vida terrena e não na “eterna”. E isso, na visão da autora não quer dizer que haja uma "desmoralização" do que pode ser desejado – “pelo menos no plano ideal, pois já se viu que na prática concreta isso não ocorre: o que a Teologia da Prosperidade – TP [4] (principal alicerce doutrinário dentro do neopentecostalismo [5]) faz é justamente ‘moralizar o querer’” (Mesquita, *Idem*, p. 132). Por

isso, verificamos nos discursos analisados, uma ruptura explícita com a memória que definia a religião como um meio de resignação ante o sofrimento. O discurso religioso da IURD demonstra uma capacidade de incorporar novos valores e ressignificar os valores preexistentes no interdiscurso de outros domínios. Tais discursos apresentam, na sua argumentação, uma eficaz estratégia ideológica. Em clima de intimidade, solidariedade e conquista de vitórias, simplesmente apagam a resignação ou a necessidade de se suportar o sofrimento, constituindo, assim, uma prática totalitária na medida em que opera na substituição de um determinado modo de pensar e leva os indivíduos à perda da memória do significado que anteriormente o discurso religioso possuía.

Para que a nossa reflexão ganhe concretude, elencaremos a seguir os *topoi* [6] discursivos mais recorrentes em todos os espaços que analisamos (templo, material impresso e web). Na sequência, analisaremos o papel de cada um nas estratégias discursivas da IURD na Inglaterra e, dentro das possibilidades comparativas, evidenciaremos aproximações com as estratégias no Brasil. É importante enfatizar que refletiremos sobre apenas três dos temas que se repetem constantemente e ganham relevância no discurso da IURD na Inglaterra, com o intuito de enxergar melhor as ocorrências e finalidades. A nosso ver tais temas, quando juntos, se constituem como uma cadeia argumentativa capaz de revelar o funcionamento e as estratégias discursivas da IURD para alcançar o sucesso em todos os seus empreendimentos, seja no Brasil ou em qualquer implantação de igreja no exterior. Assim os *topoi* analisados são:

TOPOI 1	TOPOI 2	TOPOI 3
Dificuldades financeiras	Dízimos, doações e ofertas	Vitória

Tabela 1 - Topoi analisados

TOPOI 1 – DIFICULDADES FINANCEIRAS

Ao falarem das dificuldades financeiras, principalmente relacionando-as à aquisição de dívidas ou a falta de rendimentos no exterior (desemprego por ausência de oportunidades ou de visto para o trabalho) as mensagens proferidas pela IURD trabalham discursivamente para neutralizar as circunstâncias vividas. A estratégia que esse discurso utiliza é a de propor soluções espirituais ou sobrenaturais para as dificuldades dos que vivem atualmente num país estranho, mergulhados em profundos problemas materiais, comunicativos (dificuldades com a língua) e existenciais. Tais problemas, de tão prementes e intensos, fazem com que as pessoas já não aguentem mais esperar por uma vida melhor, em um futuro vindouro (na vida após a morte, por exemplo).

Assim, o discurso da IURD funciona de forma adequada para aqueles que rejeitam soluções que exigem tempo e planejamento. Um cenário perfeito para os dias atuais, nos quais se vive sob o reinado do imediato e para as pessoas que “largaram tudo” para tentarem uma vida mais próspera, sem dificuldades financeiras, no exterior. Todavia, na IURD, nominada na Inglaterra de *Help Centre*, não basta a existência do caráter imediatista na

satisfação dos desejos e necessidades das pessoas, as mensagens vão além, e funcionam discursivamente impregnadas dos postulados da TP ou da “Confissão Positiva”. Portanto, ao operarem discursivamente dentro da Teologia da Prosperidade, os locutores da Universal, tanto na Inglaterra quanto no Brasil, oferecem a possibilidade de uma troca simbólica que ocupa indubitavelmente um lugar de destaque como meio de realização pessoal e social. Nessa hora, a legitimidade dada pelo texto fonte (Bíblia) atrela-se à fé que deve entrar como um genuíno investimento no Reino de Deus, investimento este pautado na certeza de um retorno seguro – garantia dada constantemente nos discursos que analisamos e que estrategicamente “desprende” o presente do passado ao apresentar um contra discurso que parece querer apagar as raízes históricas de uma religião que era pautada em ensinar ao homem como enfrentar a dor e o sofrimento.

Outro aspecto que merece destaque nos discursos analisados é a sua semelhança com a linguagem presente nos manuais de autoajuda, inclusive, uma das fórmulas mais usadas pelos pregadores é a indução da repetição das suas falas pelos seus ouvintes e a repetição dos seus próprios enunciados – típicos da confissão positiva. Dessa forma, em manobras linguísticas, atravessadas por forte teor emocional, a fala da IURD assume ares de convencimento ao defender que as promessas de Deus e seus desejos para a vida dos crentes é de abundância material, de prosperidade e de bênçãos. Assim, jogam com as palavras para que a garantia do compromisso de prosperidade divina entre como um elo na cadeia discursiva. Ou seja, todas as coisas boas são dos servos de Deus, tão somente porque Deus fez uma aliança com eles e firmou um compromisso.

A aliança é proposta nos sermões no templo, nas publicações impressas e na web nos dois países (Inglaterra e Brasil) e respaldada discursivamente pelas alianças estabelecidas nas narrativas bíblicas (texto fundante dos discursos da IURD em diálogo com a TP) tanto no Antigo como no Novo Testamento. Como a Bíblia fala da aliança que Deus estabeleceu com o seu povo para libertá-lo e salva-lo do julgo da escravidão, unicamente através de um Messias, na atualização da dêixis bíblica, esse procedimento discursivo gera uma nova contextualização da aliança. Assim, admite a relevância da tomada de posicionamentos para se avaliar a suficiência desse tipo de experiência religiosa, vivida com a mediação da IURD, como uma experiência religiosa fundamental ancorada na interdiscursividade.

Tal interdiscursividade é apreendida como memória de discursos outros, como o do homem e/ou mulher que conseguiu superar diversos desafios para alcançar o sucesso, ou das personagens bíblicas que conseguiram, com a ajuda de Deus, vencerem seus problemas. Ou seja, fragmentos interdiscursivos que assinalam as posições do enunciador religioso, que usando os parâmetros do discurso da autoajuda ou das histórias bíblicas, mobilizam os saberes dos frequentadores da IURD pela relação de interdiscursividade entre textos diferentes, compondo o lugar sócio histórico e promovendo à adesão destes. Em outras palavras, o discurso da IURD apresenta uma “teologia de resultados”, estes que podem ser experimentados no mais evidente processo de troca e comercialização do sagrado, em variadas formas simbólicas: aqui com destaque a promessa de prosperidade financeira para os “endividados”. Por isso, o segundo *topoi* discursivo que destacamos na nossa análise é “Dízimos, doações e ofertas”.

TOPOI 2 - DÍZIMOS, DOAÇÕES E OFERTAS

Quando, através das pregações, das correntes [7], das mensagens no site e dos materiais distribuídos aos fiéis “iurdianos” se desencadeia um processo de concepção e legitimação do discurso da Universal, observamos a construção de um falar que objetiva estabelecer com o sagrado uma troca na forma de mercadoria e cuja relação com o mesmo se funda na possibilidade de um retorno imediato. Como um empreendimento comercial qualquer. Se os fiéis experimentaram perdas, sejam elas de qualquer espécie, as mensagens da IURD oferecem uma lógica discursiva capaz de motivá-los a estabelecerem uma nova aliança com Deus (investindo financeiramente) para receberem de volta tudo que perderam. Novos investimentos para novos ganhos.

Tal circunstância evidencia os jogos de relações entre o discurso religioso da IURD e os outros discursos contemporâneos, que vem atender aos anseios do tempo presente. Essa realidade instaura, a nosso ver, os alicerces comunicativos, detentores de uma complexidade própria, para o sucesso e a adesão à IURD. É bem provável que, ao extrapolarem o plano da textualidade “bíblica”, as estratégias discursivas no seio da IURD, produzam o “algo mais do discurso” religioso – gerando tão grande adesão nas pessoas. De acordo com Foucault, “é esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (2002, p. 56). Na visão do autor, a estruturação de acontecimentos do discurso faz emergir a pergunta: como surgiu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?

Uma das respostas possíveis é que é recorrente a busca, por parte dos fiéis, por soluções para os problemas cotidianos dentro das instituições religiosas. O discurso “iurdiano”, portanto, vem atender a uma demanda previamente dada, já que é fato que a IURD investe, efetiva e estrategicamente em pesquisas para a eficaz implantação de igrejas no exterior, a fim de minimizar os problemas e compreender as diferenças a serem trabalhadas [8], no entanto, acreditamos que seus posicionamentos discursivos na Inglaterra são constantemente reformulados e modalizados, de forma consciente ou não, com o intuito de realizar uma reinterpretação “cristã” em seus argumentos proselitistas básicos. É muito recorrente nos discursos da IURD na Inglaterra, por exemplo, a questão do visto e as dificuldades com a língua. Com efeito, a Universal antecipa que há pessoas que tem esses problemas específicos e que também querem parar de sofrer (o seu slogan é “Pare de Sofrer”) e a estas oferece um discurso muito próximo dos discursos dos empreendimentos comerciais: é investindo que se ganha. Afinal, é doando, ofertando e “dizimando” que a vitória vem. Na vida cotidiana e profissional se investe em empreendimentos e negócios, na vida espiritual se investe no “Reino de Deus”. Trata-se de um discurso religioso que prima, acima de tudo, por uma religiosidade pragmática, repleta de trocas e de símbolos do sucesso terreno.

É recorrente, por conseguinte, nos discursos analisados, palavras que dizem respeito ao ato de entrega, nesse caso “entregar” e “consagrar”. Sabemos que essas palavras não são sinônimos. No discurso da Universal, elas assumem sentidos idênticos pois o ato de “consagrar” é uma manobra discursiva na esfera religiosa que nos remete imediatamente ao ato voluntário de entrega, de doação, mas também de investimento para um retorno espiritual garantido. Trata-se, portanto, de um ato em direção a um “outro” – este outro, supostamente, Deus. Dessa forma, entregar ou consagrar não é apenas uma ação discursiva, mas é também a ação de pegar algo material e repassar para alguém que se torna o receptor no mundo

material, a igreja. Para que essa ação não seja simplesmente a de entrega, os pastores da IURD nos templos (tanto na Inglaterra quanto no Brasil) operam uma manobra discursiva, transformando o “entregar”, no ato espontâneo de “consagrar” a Deus, ou de “investir” nos sonhos, ou seja, trazendo a ideia de uma entrega com fé e uma memória de pacto, onde cada parte tem um papel. O próprio discurso entra em choque, pois, ao tentar instituir a obrigação de dar dízimos e ofertas (inclusive pontuando que não entregá-los, conforme o livro do profeta Malaquias, constitui-se em roubo contra Deus: “*No que que vocês me roubam? Nos dízimos e nas ofertas*”) nega que se trata de uma barganha, mas, ao mesmo tempo, garante que estas “entregas” são as chaves para a prosperidade almejada pelos fiéis. Em alguns casos, por exemplo, se os fiéis doarem mais do que poderiam, eles “desafiam” Deus a cumprir os seus desejos. Funciona como uma troca mercantil: faça a sua parte, que Deus fará a dele. Invista seu dinheiro que o retorno é garantido. Agindo assim, os pregadores falam em ofertas e dízimos atrelando-os irrevogavelmente à expressão da fé por meio de um sacrifício financeiro que poderá gerar bons dividendos, sejam eles financeiros ou não. Como qualquer discurso para investimentos seculares com vistas ao sucesso. Entretanto é possível ver uma constante preocupação em evidenciar que não se trata de coerção, afinal “ofertar” se faz livremente. Trata-se de um ato benevolente, espontâneo, “investidor”. Muito embora, discursivamente, os pregadores “camuflem” essa obrigação, vemos também a ordem expressa de entrega do dízimo acionar o interdiscurso das “ordenanças divinas”.

Nesse sentido, pode-se enxergar o discurso da IURD como permeado de uma prática conveniente aos interesses da igreja. Com um discurso envolvente e que propõe soluções imediatas, a fala dos pregadores apresenta signos específicos, respondendo aos questionamentos existenciais do grupo social a quem se dirige. Se aos fiéis na Inglaterra, a esperança de uma vida legalizada, remunerada e com melhores condições de vida num país de “primeiro mundo”, se no Brasil, poderíamos comparar à possibilidade de conquistar tudo que um “filho de Deus merece”. Este, necessariamente, passa a ser o princípio gerador de sentido para o investimento nos dízimos, nas doações e nas ofertas. De fato, nas falas da Universal, vemos ser estabelecida uma coerência discursiva entre o discurso do sucesso e a necessidade existencial, através de uma linguagem valorativa e motivadora, abundante em promessas de vitórias. Este falar “profético” (para usar um termo recorrente na IURD) fornece as condições imprescindíveis para a experiência religiosa como nexos entre a realidade e as necessidades dos fiéis. Por isso, o nosso terceiro *topoi* discursivo é “Vitória”.

TOPOI 3 - VITÓRIA

A constante reafirmação das promessas e das vitórias para os servos de Deus permeia todos os discursos da IURD. Essa reafirmação tende a direcionar e a reforçar a escolha dos valores que os fiéis realizam em sua experiência histórico-religiosa, manifestada pela crença no poder de Deus. Neste contexto, o discurso religioso da Universal (de forma similar entre Brasil e Inglaterra) promove uma antecipação aos fiéis, apresentando aos seus ouvintes a possibilidade de escolherem o que determinará a postura que terão que seguir para objetivarem a fé em Deus. Obviamente, como temos verificado nos sermões da IURD, tais posturas sempre acarretarão nas “bênçãos” de saúde física e prosperidade financeira que, uma vez obtidas, derivarão consequentemente na conquista de espaço e no pleno

reconhecimento sócio religioso da vitória dada por Deus, além de marca da verdadeira espiritualidade pela presença da fé.

O conceito de uma vida vitoriosa sempre permeou os anseios de todos os seres humanos, todavia, no discurso da IURD, a ênfase dada à obtenção de vitórias constitui-se como o pilar argumentativo dos pastores e das mensagens que a igreja faz circular entre os potenciais fiéis. Na Universal no Brasil e nos demais países onde ela se instala (Oro *et al*, 2003), inclusive na Inglaterra, a “palavra de vitória” tem muito poder, já que o movimento humano sempre ocorre na busca de soluções e respostas para questões existenciais e materiais. Nessa busca, as pessoas constroem suas identidades de vitoriosas ou fracassadas e, para quem se aventura no exterior, o peso é ampliado. Em paralelo, a identificação com os resultados vitoriosos tem um forte elo com o fenômeno da confissão positiva e com os discursos da autoajuda, que praticamente garantem a vitória a quem neles acredita. Assim, em estratégias discursivas, a obtenção de vitórias é apresentada no discurso da IURD, como algo certo. (“*A vitória é tua em nome de Jesus!*”). O fato de a “vitória” ser lembrada e repetida de forma exaustiva faz com que o tema seja retrabalhado por meio de certos conteúdos mentais sobre a realidade desejada. Todos querem ser vitoriosos em suas lutas travadas com o “inimigo” (o diabo), entretanto a percepção dessa possibilidade extrapola a capacidade de qualquer experiência prévia. Torna-se necessária a crença e a mediação da IURD no processo. Nessa crença, os fiéis podem observar as premissas das vitórias anteriores nos muitos testemunhos que fazem parte dos cultos e também dos que são disponibilizados no site da Universal na Inglaterra, servindo de suporte para a adesão ao discurso, ao mesmo tempo em que infunde a certeza de que a situação será modificada e os alvos serão alcançados por intermédio da mediação “iurdiana”.

Vemos, nas falas dos pastores e bispos da IURD, o surgimento de uma espiritualidade mensurável em termos de resultados materiais na vida dos crentes. Pela prosperidade econômica, por exemplo, se avalia o progresso e o tamanho da fé de alguém. Alguém que conseguiu obter os favores divinos representará a dimensão prática da fé, afinal, teve a coragem de investir no Reino de Deus, tendo a Universal como intermediária. Isso é constantemente apresentado nos testemunhos lidos ou proferidos nos templos, seja no Brasil ou na Inglaterra. É claro que essas manobras discursivas se apresentam de forma bastante sutil. No jogo de dizeres da IURD, há diversos discursos que unem elementos de solidariedade, de carisma e de envolvimento emocionais (memória discursiva que interliga aos discursos das instituições de caridade/ajuda) que acabam por impedir que os ouvintes se apercebam do grau de ajustamento das falas. Além do que, os envolvidos amparam-se nas suas próprias buscas, necessidades e desejos, alimentando o processo interativo do discurso. Assim, os crentes assumem voluntariamente a responsabilidade pelo fracasso ou pela vitória, só que esta última sempre é estimulada a ser compartilhada com as demais pessoas. Novamente: o interdiscurso da confissão positiva.

Neste conjunto de manobras discursivas, entendemos que a repetição se constitui como um conceito extremamente importante, a partir do princípio básico de que ela atua na recuperação do passado. Foucault (2002) afirma que a repetição se inscreve no interior da ordem discursiva, fazendo com que os discursos se repitam tanto no seu desenrolar “sincronicamente”, quanto na medida em que se repetem apresentando os mesmos temas, as

mesmas formulações, “diacronicamente”. Quando a AD aborda a interdiscursividade, apresenta-a como o processo em que se incorporam os percursos temáticos e/ou os percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro. Esta interdiscursividade é composta dos processos que acarretam a busca na nossa memória discursiva. Assim, são necessariamente os elementos ideológicos e culturais que possibilitam a compreensão da “mensagem” a qual fomos expostos. Como aqui refletimos sobre as estratégias discursivas de uma dada igreja num contexto diferente (um país europeu) daquele no qual foi fundada (Brasil), não podemos nos furtar de esclarecer que os enunciados do discurso neopentecostal não são enunciados quaisquer, pois, ao mesmo tempo em que seus alicerces tocam no centro da fragilidade humana e nos desejos de sucesso e vitória que fazem parte do imaginário social, também se estruturam por meio de um discurso fácil de ser absorvido e com um caráter de universalidade, independente do contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus na Inglaterra, tivemos que observar quem diz, como diz e em que circunstâncias diz. Pois estamos tocando na linguagem religiosa da igreja como um mecanismo devidamente adequado ao processo de construção do sagrado e do transcendente para os fiéis em outra cultura e outro território geográfico. Nesta reflexão, realizamos apenas um pequeno recorte do nosso corpus ampliado para uma discussão introdutória sobre as estratégias discursivas mais recorrentes e que transpassam todo o discurso da Igreja.

Na Inglaterra, a Universal tem se apresentando como um centro de ajuda (*Help Centre*), adaptado da igreja-mãe-brasileira, com estatuto de caridade e que trabalha em dias específicos para ajudar os fiéis a lutarem (por meio de campanhas de fé e de ofertas, como no Brasil) por problemas cotidianos que envolvem questões familiares, amorosas, de saúde, obtenção de documentos e/ou vistos de permanência, exames, entre outros. O Centro de Ajuda (que recebe financiamento do governo inglês), por exemplo, também convoca os fiéis a ajudarem aos que sofrem, com doações financeiras para a qualificação profissional, como qualquer outra instituição de caridade na Inglaterra. É certo que, como um Centro de Ajuda, tem que emitir um discurso envolvente e portador de uma lógica discursiva que oferece aos seus fiéis, de qualquer lugar do mundo, respostas imediatas. Todavia o discurso também é entendido como um instrumento social, e, ao ser mediado pelos pregadores da IURD, utiliza-se de uma simbologia religiosa adequada através de signos específicos. Estes, demarcam que se trata de uma igreja estrangeira que intenciona se dirigir também a estrangeiros. Não há, no caso que analisamos, ingleses a serem alcançados. O alvo é o estrangeiro, o “desapartado da sua terra” e com dificuldades de toda ordem. No Brasil é assim também, só que o fiel é o brasileiro que está em busca de melhores oportunidades e soluções para seus problemas, na sua terra natal.

Vale destacar ainda que é exatamente na articulação do real com o imaginário que o discurso funciona, na relação necessária entre discurso e texto, sujeito e autor. Portanto, não podemos fugir da compreensão de que, ao ouvirmos os pregadores falarem, levamos em

conta suas posições sociais, suas formações ideológicas e as imagens que eles fazem de seus interlocutores, como também os argumentos empregados para atingir as metas propostas. Nessa análise, percebemos a escolha de uns termos em vez de outros e até o silenciamento em alguns aspectos para que, de fato, se cumpra a função de produção de sentido nos discursos da IURD. Muito embora, com um formato à primeira vista “diferente” dos moldes brasileiros, observamos com a nossa pesquisa o mesmo caráter utilitarista e prático do discurso da IURD no Brasil: soluções “mágicas” para a resolução de problemas cotidianos e de uma vida religiosa “próxima ao Criador”. Em pesquisas anteriores, já havíamos identificado uma cadeia argumentativa particular nos discursos da IURD no Brasil (Patriota, 2005; 2007a; 2007b). Aqui sintetizamos três *topoi* discursivos que são regularmente encontrados na linguagem “iurdiana” de maneira geral, pois se repetem diacronicamente e sincronicamente na maioria das publicações, das falas e dos sermões da igreja. Estes diversos *topoi* não aparecem isolados no discurso “iurdiano” na Inglaterra, mas formam uma referência cruzada em que a menção de um deles sempre leva a um outro. Dessa forma, estes são apresentados aos fiéis na Inglaterra e aparecem de maneira mesclada no interior das muitas correntes que a IURD promove, dos sermões, dos jornais impressos e dos programas televisivos através da mesma rede argumentativa lógica que verificamos no Brasil.

A pesquisa também revelou que as estratégias discursivas da IURD na Inglaterra privilegiam o falar dos problemas, das lutas, das dificuldades do dia-a-dia, enfim, dos males da existência humana, através dos testemunhos. No discurso da IURD na Inglaterra, esses males podem ser diversos e peculiares, como problemas com o visto de residência no país, por exemplo (o que evidencia a numerosa presença de imigrantes nos templos). Todavia, de maneira geral, apresentam as mazelas comuns da vida em sociedade: desemprego, enfermidades, solidão, problemas familiares etc. Todos esses malefícios são provenientes do diabo, que trava uma luta contra os filhos de Deus tentando destruí-los, seja por doenças, desavenças familiares, dificuldades profissionais ou financeiras, entre outros.

Acreditamos que, de forma unânime, a estratégia da IURD é manter as mesmas características da sua doutrina e prática eclesial na Inglaterra e ofertar, discursivamente, a solução para os problemas dos fiéis com um discurso que prima pela interdiscursividade com outros domínios: da autoajuda, da prosperidade financeira, do sucesso e empreendimentos terrenos, acionando uma memória de vitória que potencializa a adesão. Entretanto, para que os discursos da IURD na Inglaterra possam ser amplamente alicerçados pela sua teologia de resultados, a Igreja também privilegiou uma criteriosa análise da conjuntura social e política da Inglaterra, para compreender e mapear as condições de produção [9] mais favoráveis para que o seu discurso seja aceito. A partir disso, desenvolveu uma estratégia argumentativa que estabelece diálogos profícuos, ajustados e delimitados à realidade a ser enfrentada, já que como defende Pêcheux (1993, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”.

NOTAS

[1] Segundo Mendonça (2006) o sinal distintivo dos pentecostais é a possessão repetida pelo Espírito Santo com a glossolalia (falar em línguas estranhas) e outros estados extáticos como

sinais. Quanto à Bíblia e confissões, a posição dos pentecostais é semelhante aos históricos e evangélicos, embora não se caracterizem pela reflexão teológica.

[2] Como não há um número preciso usa-se, em geral, para estimar o número de templos e de fiéis (por falta de um método mais eficaz) o quantitativo da tiragem de periódicos como a *Folha Universal* e seus equivalentes nos diferentes países onde a IURD está presente, em comparação com os dados virtuais divulgados e outras publicações da Igreja (Oro *et al*, 2003, p. 21)

[3] Verificamos que não há, nessas reuniões, pessoas que a língua inglesa seja a linguagem mãe, apenas brasileiros, portugueses, africanos e outros estrangeiros de língua espanhola, oriundos da América Latina. Vale também ressaltar, como informação adicional, a ampla presença de negros entre os participantes.

[4] Rodrigues, (2003, p. 24) enfatiza que a ideia de posse, presente no âmago dessa corrente teológica, enuncia não apenas uma projeção psicológica, imaginária, mas enredada pela magia do sonho de consumo em uma sociedade marcada pelo desejo de fruição de bens de diferentes esferas. Dessa forma, o enunciado “prosperidade” ligado ao significante “posse”, ambos repetidos à exaustão nos encontros neopentecostais, estão intensamente imbricados com questões concretas no domínio material, inserido nos contextos sócio históricos característicos e atrelados ao usufruto real de bens, não apenas simbólicos mas também palpáveis, corporificados e produzidos na sociedade capitalista contemporânea (Patriota, 2008, p. 115).

[5] “Encabeçado pela Igreja Universal, o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce atualmente e a que ocupa maior espaço na televisão brasileira, seja como proprietária de emissoras de TV, seja como produtora e difusora de programas de televangelismo. Do ponto de vista comportamental, é a mais liberal. Haja vista que suprimiu características sectárias tradicionais do pentecostalismo e rompeu com boa parte do ascetismo contracultural tipificado no estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, volta e meia, estigmatizados” (Mariano, 2004, p. 124).

[6] Segundo Anscombe (1995), os *topoi* são princípios aceitos por uma comunidade mais ou menos ampla, ou em certos casos apenas pelo locutor e destinatário, que permitem desencadear a argumentação. Por serem apresentados como tendo “força de lei”, “evidentes”, são veiculadores de ideologias e agradáveis a uma plateia que partilha um conjunto de crenças atualizadas em *topoi* particulares.

[7] São várias: correntes de fé, de libertação, de oração, entre outras. Apesar da diversidade, todas propõem um compromisso de acompanhamento semanal e a entrega de ofertas financeiras.

[8] A revista *Veja*, nas edições de 19/04/1995 e 23/04/1997, assinala que a Universal envia ao país-alvo uma comissão que averigua as probabilidades de sucesso, analisa as leis do país, cuida da constituição jurídica da Igreja, estuda a linguagem mais apropriada ao contexto e os melhores locais para templos, além de efetuar a compra ou aluguel dos mesmos (*apud* Freston, 1999, p. 386).

[9] Segundo Medeiros (2008, p. 50), se consideradas num sentido mais amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio histórico e o aspecto ideológico. A autora esclarece que a proposta de (re)definição de condições de produção deve ser entendida alinhada à análise histórica das contradições ideológicas presentes na materialidade dos discursos e articulada teoricamente ao conceito de formação discursiva. A somatória dos valores ideológicos

constitui o imaginário que designa o lugar que os sujeitos do discurso se atribuem mutuamente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a CAPES pelo financiamento de uma bolsa de pós-doutorado, desenvolvida no Centro de Estudos Latino-americanos da Universidade de Cambridge, Inglaterra, de setembro de 2013 a julho de 2014. Agradecemos também o Professor Dr. David Lehman, que supervisionou nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anscombe, J-C. (1995) *Théorie des topoi*. Paris: Kimé.
- Courtine, J.-C., & Haroche, C. (1994). *História do Rosto: Expressar e Calar as suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa: Editora Teorema.
- Foucault, M. (2002). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Freston, P. (1999). A Igreja Universal do Reino de Deus na Europa. In J. P. Bastian, F. Guichard, & C. Messiant (Eds). *Dynamiques religieuses en lusophonie contemporaine. Lusotopie* (pp. 383-404). Paris: Khartala.
- Geertz, C. (1978). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Mariano, R. (2004). Expansão Pentecostal no Brasil: O Caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, 18(52), 121-137.
- Mendonça, A. (2006). Evangélicos e Pentecostais: Um Campo Religioso em Ebulição. In F. Teixeira e R. Meenzes (Eds.). *As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Medeiros, C. (2008) As Condições de Produção e Discurso na Mídia: A Construção de um Percurso de Análise. *Revista Famecos/PUCRS*, 20, 48-55.
- Mesquita, W. (2007) Um Pé no Reino e Outro no Mundo: Consumo e Lazer entre Pentecostais. *Horizontes Antropológicos*, 13(28), 117-144.
- Orlandi, E. (1993). *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Oro, A., Corten, A., & Dozon, J-P. (Eds.) (2003). *Igreja Universal do Reino de Deus — Os Novos Conquistadores da Fé*. São Paulo, SP: Paulinas.
- Patriota, K. (2005). Entre os Planos Humano e Divino: Uma Análise de Discursos Religiosos na Mídia. *Linguagem em (Dis)curso*, 6, 63-81.
- Patriota, K. (2006). O Discurso Midiático dos Pastores da Igreja Universal. *Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (p. 302). Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
- Patriota, K. (2007a). Nós Temos o Que Você Precisa: Uma Reflexão Sobre a Religiosidade Midiática na Sociedade de Consumo. In J. M. de Melo, M. C. Gobbi, & A. C. B. Endo. (Eds.).

Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo (pp. 87-97). São Paulo, SP: Editora da Universidade Metodista de São Paulo.

Patriota, K. (2007b). O Interdiscurso e a Intertextualidade na Fala dos Pastores / Apresentadores da Igreja Universal. *Symposium*, 10, 117-132.

Patriota, K. (2008). Fala Que Eu Te Escuto: Na Era do Entretenimento, a Doutrina É o Espetáculo. *Anais do III Colóquio de Comunicação Eclesial* (p. 14). São Bernardo do Campo (SP): Editora da Universidade Metodista de São Paulo.

Patriota, K. (2008). *O Show da Fé: A Religião na Sociedade do Espetáculo* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Pêcheux, M. (1993). Análise Automática do Discurso. In Gadet, F., & Hak, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de M. Pêcheux* (pp. 61–105). Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Rodrigues, K. (2003). *Teologia da Prosperidade, Sagrado e Mercado: Um Estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru – PE*. São Paulo, SP: Edições ABHR – Edições FAFICA.